

Madeireiro desmente apreensão de mogno

O madeireiro Raimundo Batista, do rio Purus, diz que não houve apreensão nem roubo de carga de mogno na reserva de Abufari, em Tapauá (AM)

Acyane do Valle

O madeireiro Raimundo Batista, que atua na região do rio Purus, declarou ontem que a superintendência regional do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama) "mentiu" quando anunciou, na semana passada, a apreensão de 1,2 mil metros cúbicos de mogno, na reserva biológica de Abufari (em Tapauá, a 450 quilômetros de Manaus), que estariam enxertados em 14 mil metros cúbicos de outras espécies.

Batista afirmou que não havia mogno na jangada e que nem a carga foi "roubada" no último fim de semana, como informou o superintendente do órgão, Hamilton Casara. Ele

chegou a desafiar o órgão a provar a existência da madeira. Raimundo Batista teve seu nome citado anteontem à noite, numa reportagem de televisão, como sendo um dos infratores que estariam burlando a fiscalização do Ibama para vender a madeira para o exterior.

Hamilton Casara não foi localizado ontem pela reportagem para falar sobre as declarações do madeireiro. Segundo a assessora de imprensa do Ibama, Solange Fripp, o superintendente está na região de Boca do Acre, onde a comunicação é feita somente por meio de rádio, dando continuidade à operação Macauá 2. Raimundo Batista concedeu uma entrevista exclusiva, ontem à tarde, a A CRÍTICA, onde deu as seguintes declarações:

A CRÍTICA - O senhor já teve madeira apreendida?

Raimundo Batista - Não.

AC - Essa foi a primeira vez?

RB - A madeira não foi presa.

AC - De acordo com o Ibama, a madeira foi apreendida.

RB - É tudo mentira. O pessoal do Ibama está lá no Catalão medindo a madeira.

AC - E a história de a madeira ter sido roubada e depois encontrada, também é mentira?

RB - Essa parte é sobre o mogno, né? Mas, da minha parte, nunca vi isso. Nunca.

AC - Por que o Ibama faria isso?

RB - Eu não sei explicar, porque se tivessem dito que estavam atrás dessa madeira, que foi roubada em tal lugar, tirada de tal lugar, alguém comprou, coisa e tal, mas ele (Casara) foi olhar a jangada e não encontrou. Agora, dizer que encontrou e depois não viu mais, pelo amor de Deus! Se tivesse visto mogno tinha apreendido a madeira, mandado a Polícia Federal acompanhar e pronto. Mas prendia a madeira. Ele não conhece madeira.

AC - Quer dizer então que os 1.200 metros cúbicos de mogno que teriam sido apreendidos pelo Ibama na sua jangada não existem?

RB - Para mim não existem. Eu nunca reboquei um pau de mogno.

AC - Não houve apreensão, nem mogno e nem roubo?

RB - Não houve nada disso. Absolutamente nada. Houve fiscalização, mas não houve apreensão. Nem mogno e nem roubo.

AC - O senhor poderia explicar o que aconteceu então?

RB - Estava baixando com a madeira. Aí peguei o avião e fui embora. Na sexta-feira passada fui para lá de novo. Dormi para lá. Mandei repartir a jangada que era muito grande para entrar no Catalão e quando foi sábado de manhã amanhecemos na boca do Purus e saímos de lá às 4h da madrugada com a primeira jangada, a segunda vinha mais atrás. Quando foi umas 7h30

para às 8h, já estava no avião para sair, esse que passou na televisão. Eu vi gente filmando por lá. Aí eles (Ibama e Polícia Federal) foram na jangada, por sinal, até pressionando meus funcionários.

AC - Pressionaram para dizer o quê?

RB - Para dizer qual era o mogno daquela madeira. Mas eu nunca trabalhei com mogno. Nunca mesmo. Naquela região não tem mogno. Só tem mogno lá para o altão, meu manejo é aqui em Nova Vista, em Lábrea.

AC - Como o senhor avalia as declarações do superintendente regional do Ibama, Hamilton Casara, veiculadas na imprensa, de que havia mogno entre outros tipos de madeira? Inclusive, sobre a referência de que os

“Se (o Ibama) tivesse visto mogno era para mandar a Polícia Federal apreender e pronto”

‘infratores’ utilizavam um sistema de telefonia por satélite e um hidroavião?

RB - Eu quero que prove isso. Ele não tem provas. Sobre o avião, nós usamos sim. Por que não?

AC - Nesse carregamento, não poderia haver toras de mogno?

RB - Não, sinceramente. Tenho 57 anos, 44 de trabalho e nunca trabalhei com mogno. Nunca.

AC - Quais as espécies que o senhor costuma trabalhar?

RB - Samaúma, muratinga, copába, jacareúba, louro e mais açacu que é madeira de baixo valor.

AC - Se a madeira é de baixo valor, por que trabalha mais com açacu?

RB - Porque outras madeiras estão

mais difíceis.

AC - E o preço que o açacu alcança? O senhor consegue vender para fora?

RB - Isso não tem quase ninguém que queira. Tem um valor muito baixo.

AC - Mas se a madeira tem esse valor, por que ainda trabalha com a espécie?

RB - Porque o que vou fazer? Se a gente não pode comer o bife, come-se a carne com osso e tudo. A gente tem que viver na maneira que pode.

AC - Esse setor é lucrativo?

RB - Fui comerciante de regatão no chamado sorva, borracha, castanha, essas coisas. E depois passei a trabalhar com madeira. Já foi um negócio lucrativo, já foi melhor, só que agora está pior, mas está difícil para todo mundo.

AC - Se a mercadoria for vendida para o exterior não melhoram os negócios?

RB - Eu não vendo para o exterior. Eu vendo para madeiras daqui, para Itacoatiara.

AC - E para madeiras de outros estados?

RB - Não, não vendo não. Já vendi alguma coisinha, muito pouquinho, para Belém.

AC - Nesse carregamento que o Ibama afirmou que havia mogno, a madeira ia para onde?

RB - Não ia não, está aqui no Catalão. O Ibama está medindo à vontade, mas sobre mogno, sinceramente, eu jamais faria uma coisa dessas.

AC - E por quê?

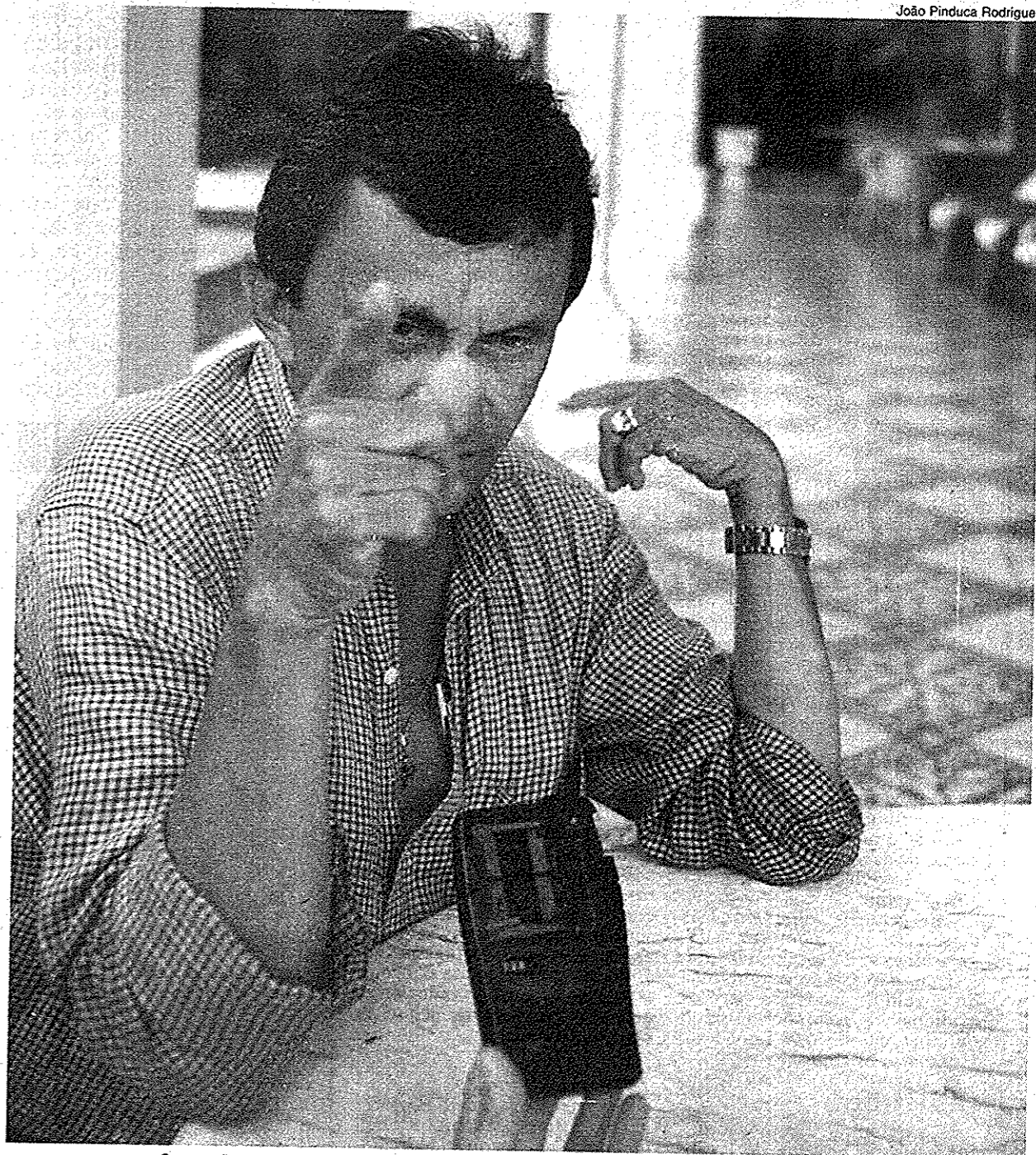
RB - Porque mogno é proibido. Todo mundo sabe disso. Deus me livre, a gente vê toda hora pessoal sendo preso por causa disso.

AC - Voltando à questão do lucro, quanto geralmente o senhor tira por ano com o comércio de madeira?

RB - Um ano como esse não vai dar dinheiro. Tem ano que dá mais, às vezes R\$ 60 mil, R\$ 70 mil e até R\$ 120 mil.

AC - O que o senhor vai fazer agora?

RB - Se o superintendente do Ibama me chamar para conversar, eu vou.



O madeireiro Raimundo Batista desafia o Ibama a provar contrabando de mogno

Ibama deu flagrante em carregamento

A história do contrabando de 1,2 mil metros cúbicos de mogno começou ano passado na região dos seringueiros, no rio Iaco (AC). Por ter sido retirada irregularmente, sem licença do Ibama, a madeira foi apreendida e seus proprietários tiveram que aguardar, como fiéis depositários, a decisão da Justiça sobre suas punições e destino da madeira.

Há algumas semanas, o Ibama

conseguiu identificar um carregamento de mogno camuflado em mais de 14 mil metros cúbicos de outras madeiras retiradas legalmente. O flagrante aconteceu no dia 23, no rio Purus, próximo à reserva de Abufari, em Tapauá, mas a apreensão seria feita em Beruri, onde se encontrava uma equipe do Ibama especializada em madeira.

Até aquele momento, o Ibama ainda não havia autuado os pro-

prietários da madeira, esperando tomar as medidas cabíveis somente em Beruri. Na descida até esse município, no sábado, descobriu-se que o mogno foi retirado do montante de 14 mil madeiras regulares, segundo Casara. No domingo, a madeira foi reencontrada, mas o Ibama pediu sigilo sobre o local onde a carga estava para não prejudicar as investigações. (Colaborou Wilsa Freire)

João Pinuca Rodrigues